

Sem lugar ao sol

Liberalização econômica do sul da Ásia está marginalizando a maior força de trabalho da região: a mulher



Na Ásia, milhões de mulheres não foram beneficiadas pela liberalização da economia

Mahesh Uniyal

Os países do leste da Ásia, em geral, têm dado a suas operárias assistência técnica, mas tudo indica que as trabalhadoras do setor informal do sul do continente não se beneficiarão da liberalização do comércio mundial. Esta foi uma das conclusões de um seminário patrocinado pelas Nações Unidas, realizado no início do ano em Nova Déli. O encontro reuniu ativistas e representantes de organizações não-governamentais (ONGs) de Bangladesh, Butão, Índia, Nepal, Maldivas, Paquistão e Sri Lanka.

“A liberalização do comércio e a orientação da produção para as exportações provocaram desvalorização da moeda, cortes no gasto público, redução de salários e queda da produção agrícola, com impactos negativos para as mulheres”, denunciou Bina Pradhan, da ONG Aliança para Alternativas ao Desenvolvimento do Nepal.

Crise no setor têxtil – As mulheres tiveram um papel essencial na expansão econômica baseada nas exportações do leste da Ásia, mas é pouco provável que a força de trabalho feminina do sul, mal alimentada e analfabeta, se transforme em agente de prosperidade na abertura ao comércio mundial. A desregulamentação da economia piorou a condição de vida das mulheres naquela região asiática, onde quase a metade de um bilhão de habitantes subsiste abaixo da linha da pobreza.

A indústria têxtil, que emprega o maior número de mulheres depois da agricultura, é a mais afetada e está reduzindo salários e postos de trabalho, embora represente grande parte das exportações da região. O crescimento das exportações no setor têxtil aumentou os preços das fibras locais, forçando as cooperativas e pequenas unidades de produção a despedir suas empregadas.

As exportações têxteis da Índia quase se duplicaram a partir de 1992, en-

quanto os produtos de algodão do Paquistão representaram quase 75% das vendas ao exterior deste país. Os têxteis constituíram, em 1994, 72% das exportações de Bangladesh e é um dos principais produtos do Sri Lanka, onde as mulheres são 75% da força de trabalho nesse setor. No Nepal, os têxteis são o segundo item de exportação, e 15% dos 50 mil trabalhadores do setor são mulheres.

Um estudo da Associação de Trabalhadoras Informais da Índia (SEWA), realizado no estado de Gujarat, indica que no setor têxtil as trabalhadoras estão sendo despedidas devido, principalmente, à falta de matérias-primas nas fábricas da região.

O aumento nos preços do algodão também prejudicou as trabalhadoras artesanais. Femida Banu, secretária de uma cooperativa em Gujarat, disse que elas deverão reduzir a produção e os postos de trabalho, assim como a variedade de seus produtos.

Marginalização feminina – Representantes da SEWA defenderam na reunião de Nova Déli que as cooperativas têxteis e as ONGs vinculadas à produção informal devem ser fortalecidas. Para isto, é necessário contar com novos investimentos, administrar as cooperativas estatais com critérios empresariais e outorgar maior autonomia às cooperativas. Além disso, na sua avaliação, o governo deveria reconsiderar a exportação de matérias-primas de indústrias que dão trabalho a muitas pessoas.

Segundo as participantes do encontro, a agricultura – que emprega o maior número de mulheres em todos os países da região – também será afetada pelo crescimento das empresas de uso intensivo de capital. Por outro lado, afirmaram que a indústria e o setor de serviços, de maior crescimento nas economias liberalizadas, não beneficiarão o grosso da força de trabalho feminina, em geral analfabeta e sem capacitação.

As delegadas sugeriram a formação de um bloco regional de comércio: “Se a região não cooperar, será explorada pelos mercados externos. As pessoas se esquecem de que, historicamente, o sul da Ásia sempre contou com seus próprios mercados”, disse a economista indiana Devaki Jain.